

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: OESP Class.: Kulina 63

Data: 22/12/93 Pg.: A16

AMAZÔNIA

Funai denuncia assassinato de 11 índios culinas

As mortes teriam ocorrido no dia 11 por causa de desentendimentos entre índios alcoolizados e um seringalista em uma aldeia localizada no médio Juruá, a 1.500 quilômetros de Manaus

KÁTIA BRASIL

O presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Dinarte Nobre de Madeiro, denunciou ao Ministério Público Federal, Procuradoria-Geral da República, Polícia Federal e Secretaria Estadual de Segurança do Amazonas, a morte de 11 índios culinas da aldeia Maloca, localizada no médio Rio Juruá, próximo ao Município Eirunepé, a 1.500 quilômetros de Manaus. Os assassinatos teriam ocorrido no dia 11, por desentendimentos entre índios alcoolizados e o seringalista Manuel Capivara Campelo, que teria fornecido a bebida durante

uma festa na aldeia de Sete Casas, onde vivem cerca de 60 índios.

As mortes foram provocadas por ataques de bordunas e facões. Além do seringalista são acusados os índios culinas Nohará, Doiara, Kamnhá e Kurapu, que estão foragidos. Até ontem, a Superintendência da Polícia Federal não havia iniciado as investigações sobre os assassinatos. Elas estão a cargo de um grupamento da Polícia Militar do Amazonas que se deslocou de manhã de barco para a região do Rio Juruá.

O comando da PM não confirmou as mortes até o final da tarde de ontem. A única testemunha que prestou depoimento em Eirunepé,



chamado José Culina, disse ao delegado que só viu dois mortos durante a confusão. Ele fugiu pela floresta e ouviu gritos, choros e disparos de armas.

Madeiro disse que, com mais essa tragédia, sobe para 513 o número de indígenas mortos este ano

no País, vítimas de violências, doenças e acidentes. O levantamento é superior ao do ano passado, quando morreram 440 índios. "A morte dos culinas é de extrema gravidade e se iguala ao episódio do massacre ianomâmi", acentuou.

O presidente da Funai foi informado sobre o assassinato anteontem à noite por um telefonema do administrador do órgão no Amazonas, Raimundo Catarino Serejo. O chefe do posto da Funai em Eirunepé, Alexandre Caldeira Cardoso, disse em mensagem via rádio para o administrador que, entre os mortos, havia oito homens e três meninas, com idades entre 7 e 8 anos. Ele disse que a distância da aldeia ao posto da Funai é de seis dias de barco e que foram os sobreviventes que deram a notícia. Cinco homens foram hospitalizados em Eirunepé.

Área está interdita

MANAUS — Os índios culinas têm dois troncos linguísticos, o aruac e o pano. Eles já têm contato com a civilização desde o início do século. As características dos culinas são os xamanismo — permanência de, no mínimo, um pajé em cada aldeia — e o uso do aywasca, um alucinógeno tirado de um cipó, também usado pelas comunidades do santo daime.

Os culinas vivem em casa de estilo regional feitas de barro e pedaços de madeira. Conforme levantamento da Funai de 1989, vivem no Amazonas cerca de 3.000 culinas sendo que 985 são do tronco linguístico aruac. Eles são semi-nômades, fazem artesa-

natos de palha, cerâmicas e vivem da caça e pesca e também têm uma agricultura de sobrevivência.

Os culinas que vivem na Aldeia Maloca, onde ocorreu os assassinatos, segundo a Funai, são do tronco aruac. A área onde está situada a aldeia é de 770 mil hectares e está interdita. Outros culinas vivem espalhados na região do Rio Juruá, na margem esquerda do Rio Solimões e Rio Jarini. Já os panos vivem na região do Rio Jutahy. Segundo o antropólogo da Funai, Jorge Luis de Paula a introdução de bebidas alcoólicas nas aldeias culinas leva a conseqüentes desentendimentos entre os índios.